

Obviamente não podia. Meses depois, tinha quatro olhos em cima de mim, enquanto empunhava aquele livro que o inspetor me passara. Inadvertidamente deixara que se fechasse e agora estava sem nenhuma vontade de o abrir, e com razão. Li:

***ESTOU PRISIONEIRO  
NEM CAGAR POSSO  
SEM ESTA PUTA!***

Mas não foi o conteúdo que mais me abalou. Nada tinha de novo em relação a outras mensagens que eu queimara. Foi a cor!

Era vermelho vivo!

De repente imaginei o Ângelo desesperado a cortar-se para obter umas gotas de sangue. Senti os olhos deles a queimar-me. A própria inspetora Sofia, que até então se mostrara empática e sensível, mudara de semblante, como se a aparição do livro tivesse sido uma surpresa. A máscara derreteria.

— É verdade? — perguntou o inspetor.

Tive dificuldade em perceber a pergunta. Verdade? Verdade o quê? Fitava aquelas letras escarlates como se fossem elas a fitar-me, acusadoras. O inspetor teve que me chamar à realidade:

— Minha senhora...

Tentei concentrar-me:

— Verdade? Em parte... — admiti, desorientada. — Já lhe tinha dito que o meu marido precisava de mim... Mas isso não faz de mim uma puta!

— Ninguém disse isso... — amenizou o inspetor — Mas ele queixa-se de ser um prisioneiro...

A hipocrisia do inspetor, picou-me. Enervava-me mais aquela pretensa imparcialidade do que se ele me acusasse já ali, com toda a clareza.

Enfrentei-o:

— Prisioneiro? Ele?! Ah... Que queria o senhor que eu fizesse? Que o levasse a passear? A ele?! Ele não queria ver ninguém!

Não era propriamente a verdade rigorosa, mas era credível. Nenhuma pessoa se sente bem quando tenta falar se ninguém a entende, se, para se fazer entender, tem que desenhar laboriosamente em maiúsculas uma frase, mesmo assim difícil de decifrar...

— Um dia, logo depois do AVC — inventei, tentando por momentos não pensar na cor das letras — levei-o à rua na cadeira de rodas para apanhar ar no jardimzinho que há ao pé de nossa casa. Pensei em levá-lo a tomar um café, mas não me senti com forças para o empurrar até lá. Estivemos ali um bocado, a ler, até que um vizinho parou ao pé de nós e eu tive que explicar a situação. Que havia eu de fazer? Pois assim que o vizinho virou costas, o Ângelo... o meu marido... quis logo voltar para casa. E, por muito que eu insistisse, nunca mais quis repetir a saída! Percebe?

— Então porque o trancava? Encontrámos a porta do apartamento trancada...

Suspirei:

— Era ele próprio que queria ficar trancado — foi a resposta que saiu — Desde que sofreu o AVC, tinha muito medo. Tinha pavor de que alguém entrasse em casa com ele naquele estado.

Era uma boa resposta, mas o inspetor foi rápido a notar:

— Mas não era preciso ele ficar sem acesso à chave. Encontrámos uma chave no escritório, mas o escritório também estava trancado. Se houvesse um incêndio, ele não podia sair... E porque estava o escritório trancado?

— A chave era inútil — ocorreu-me — ele não tinha força para destrancar a porta da rua quando estava completamente trancada. Mas ele preferia assim. Depois do AVC tinha medo de ladrões

Poderia orgulhar-me das minhas respostas, se para tanto tivesse disposição, que obviamente não tinha. Tinha pousado e fechado o livro, mas a cor das letras continuava a brilhar flutuando no ar à minha frente...

E o inspetor não perdeu tempo a aproveitar a minha desorientação. Fez aparecer outro livro, abriu-o, debruçou-se por cima da secretária e entregou-mo:

— Então como explica isto?

Desta vez era “*Crime e castigo*”, de Dostoievski. O encarnado vivo das letras acusava:

***NEM COMPUTADOR NEM TELEMÓVEL  
INCOMUNICÁVEL  
ENTERRADO VIVO !!!***

Que mais surpresas teria ele na manga? Seria altura de recusar-me a responder? Precisava de um advogado para me aconselhar? Aparvalhada, balbuciei:

— Não imaginava que ele tivesse escrito isto...

— É capaz de me dizer porque tinha ele que escrever no interior de livros?

— Não sei... — respondi.

— Talvez saiba, se quiser lembrar-se... Porque a senhora escondia-lhe o papel. É ou não é verdade?

Encolhi os ombros e abanei a cabeça, o que não o satisfez. Elevou a voz. Começava a mostrar os dentes:

— É ou não é verdade?! O escritório estava trancado. Ele não tinha papel onde escrever, que até o papel higiénico a senhora lhe escondia! Como lhe escondia canetas e lápis... O desgraçado teve que ir ao frigorífico buscar massa de pimentão para lhe servir de tinta!

Massa de pimentão?!

O que me atingiu não foi o tom das palavras, não foi a agressividade tão contrastante com a suavidade anterior. O que me fez perder uma pulsação e por momentos me sufocou, foi a massa de pimentão...

... afinal não era sangue!!!

Quase me ri na cara do inspetor! Ainda hoje parece que volto a sentir fisicamente o alívio que senti. Ele deve ter ficado desconcertado, ao ver-me desanuviar, quando esperava o oposto. Quanto a mim, ganhei novas forças para ripostar:

— O meu marido é... era... — corrigi — uma pessoa muito difícil. Nunca estava contente com nada! Acontece com vítimas de AVC. Fazia birras de caixão à cova! O senhor está aí sentado e parece que está a censurar-me ou a acusar-me ou lá o que é, mas não sabe o que eu passei nestes últimos meses! Eu a tratar dele, a segurar nele enquanto ele limpava o rabo e ele a olhar-me com ódio, percebe?! Com raiva! Com rancor! Com pena de não poder esmurrar-me...

Pronto! Era a minha vez de desabafar e de repente era eu quem estava ao ataque:

— Não me perdoava! Não me perdoava nada. Não me perdoava eu tê-lo convencido a passar-me a merda da procuração para poder levantar uns míseros três mil euros por mês para não morrermos os dois à fome! Não me perdoava eu não ter que lhe dar conta dos meus gastos e das minhas andanças, mas sobretudo... sobretudo... — Eu vomitava agora todo a revolta que me vinha dando as voltas ao estômago — sobretudo o que ele não me perdoava era o AVC! Ele culpava-me de ter tido o AVC... tenho a certeza disso! E sabe porquê?!

Quase gritava. Com a minha veemência, o inspetor esmorecera e admitiu que não, com a cabeça. Era a altura de lançar eu, o meu último golpe:

— Faz ideia de como é que ele o teve o AVC? Faz?! Estava a bater-me! Estava a dar-me uma sova quando foi interrompido por um derrame cerebral!